

## ANA NÉRI, MADRINHA DA ENFERMAGEM NO BRASIL

Nelson Grisard<sup>1</sup> e Edith Tolentino de Souza Vieira<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Professor Livre-docente e ex-titular de Pediatria da Universidade Federal de Santa Catarina. Professor de Ética Médica e de Bioética da Universidade do Sul de Santa Catarina e Universidade do Vale do Itajaí, Santa Catarina. Presidente da Academia Catarinense de Medicina; Florianópolis, SC; <sup>2</sup>Ex-Professora Titular de Enfermagem e Nutrição da Universidade Federal da Bahia (UFBA); Salvador, BA, Brasil

Este artigo homenageia *in memoriam* Ana Justina Ferreira Néri, voluntária da caridade no teatro de sangue da Guerra do Paraguai (13 de dezembro de 1864 a 1º de março de 1870). Sua atuação marcou fortemente a dedicação no cuidado aos doentes. Foi um exemplo de pessoa e, certamente, sua atitude e conduta, postas à prova, fizeram desabrochar a nobre profissão da enfermagem no Brasil. É também uma homenagem da medicina brasileira à enfermagem nacional. Voluntária de caridade, Grande Irmã de caridade leiga, Heroína da caridade, Mãe dos brasileiros na Guerra do Paraguai, são alguns dos títulos atribuídos a Ana Néri. De volta de sua missão, é reconhecida por sua bravura e torna-se, mais tarde, a patronessa da primeira escola de enfermagem do Brasil e por decreto presidencial se reverencia seu feito e sua memória. É a madrinha da enfermagem brasileira.



Ana Neri - 1814-1880: Voluntária de caridade na Guerra do Paraguai

Retrato de Ana Néri no campo de batalha no Paraguai; em seu peito a Medalha de Campanha conferida por S.M.I. Dom Pedro II. Quadro-fotografia em tamanho natural, mandado pintar pelos baianos do Rio de Janeiro em sua homenagem, em 1870. Obra do pintor catarinense Vitor Meirelles (1832-1903), hoje exposta com destaque no acervo do Memorial da Câmara Municipal de Salvador (Paço Municipal de Salvador).

Recebido em 11/11/2008

Aceito em 18/12/2008

Endereço para correspondência: Prof. Nelson Grisard. Av. Rubens de Arruda Ramos 1896, Ap.402. CEP 88.015-700 Florianópolis, SC, Brasil. C-elo: grisard@matrix.com.br.

A *Gazeta Médica da Bahia*, órgão oficial da bicentenária Faculdade Primaz do Brasil – a FMB/UFBA, abre suas páginas para homenagear a precursora da enfermagem no Brasil e a participação de alguns de seus alunos e mestres na Guerra do Paraguai.

O período joanino - 1808 a 1821, logo em seu início, marcou a Medicina brasileira de forma indelével ao ensejar a criação da Escola de Cirurgia da Bahia, em 18 de fevereiro de 1808, hoje Faculdade de Medicina da Bahia da Universidade Federal da Bahia (2008), carinhosamente e com respeito conhecida como a bicentenária FMB/UFBA.

A chegada de Dom João VI em Salvador ocorreu no dia 22 de janeiro de 1808. Fazia parte da corte portuguesa o Dr. José Correia Picanço, médico pernambucano formado em Montpellier e Lente Jubilado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e cirurgião-mór da Real Câmara. O Príncipe-Regente, “anuindo à proposta que lhe fez o Dr. Picanço sobre a necessidade que havia de uma escola de cirurgia”, expediu a Carta-Régia de 18 de fevereiro de 1808 criando a Escola de Cirurgia do Real Hospital Militar de Salvador.

Por seus grandiosos corredores e escadarias, salas de aulas e laboratórios, bibliotecas e anfiteatros circularam lentes ilustres formadores de gerações de mestres não menos ilustres, inspiradores do seu atual e respeitado Corpo Docente, luzes para inúmeros e destacados alunos e egressos. Não ensinavam somente a “arte de curar”; ensinavam também a arte política, a ciência do entender e administrar povos e nações.

Mas os valores não estão exclusivamente nas Academias. Muitos, fora delas, homens e mulheres, se destacam tão admiravelmente e com tal precisão que iluminam os caminhos da evolução humana, criando conceitos, leis, normas de conduta e, inclusive, apadrinhando e propiciando a criação de especialidades ou mesmo fundando profissões!

Era o destino de Ana Néri quando escreveu uma carta ao Governador da Província da Bahia pedindo-lhe permissão para seguir para a guerra do Paraguai, iniciada em dezembro de 1864. Iria, então, incorporar-se às tropas já idas ao Campo de Batalha do mais longo e sangrento conflito armado das Américas e juntar-se, lá, aos combatentes baianos. Havia um impulso em acompanhar irmão e filhos, mas seu compromisso maior era servir à Pátria como redigira em sua carta. Ana Néri, uma abastada viúva decide ir à guerra e talvez, intenção que se desconhece e pouco plausível, seguindo a tradição entre mulheres uruguaias e brasileiras de acompanhar seus maridos, filhos e amantes à guerra. As prostitutas também assim procediam para acompanhar à tropa.

Decisão igual tomaria Florence Nightingale (nascida em Florença em 1820 e falecida em Londres em 1910) ao servir na Guerra da Criméia, atual Ucrânia, nos anos 1853-1856, e empregando sua versatilidade em três idiomas e seus estudos de filosofia e matemática (criou o gráfico estatístico proporcional conhecido como “queijo” ou “pizza”), sistematizou conceitos e as condutas de velar pelos doentes, simbolizada pela lâmpada que Florence utilizava para alumiar e tratar os doentes durante

a noite, as vezes às escondidas. Voltando a Londres, criou a primeira escola de enfermagem do mundo no Hospital St. Thomas de Londres, em 1860, desenvolvendo o corpo de doutrina da enfermagem moderna.

Contemporâneas, muitas são as semelhanças entre Ana e Florence: ambas ricas, estudadas, cultas e políglotas, severas e disciplinadoras, organizadas e dedicadas com denodo às tarefas auto-impostas em benefício dos sofredores das dores da guerra. Foram a sua luz! Florence, objetivamente, cria a enfermagem; Ana Néri torna-se o exemplo nacionalmente reconhecido da enfermeira. São símbolos preciosos que se completam na feição. Teriam sabido uma da outra? Nos textos e artigos sobre Ana compulsados nada consta a respeito.

Pela grandeza de alma, por seu magnânimo e generoso trabalho nos campos de batalha da Guerra do Paraguai cuidando dos feridos e dos doentes, foi cognominada a *Mãe dos brasileiros*. Naquelas condições difíceis, organizou hospitais de campanha sendo a primeira enfermaria em sua própria casa, em Assunção, e às suas expensas. Metodizou as tarefas em busca da eficácia, com olhos humanitários e a alma voltados tanto para os cuidados dos combatentes da Tríplice Aliança – Brasil, Uruguai e Argentina, quanto para os soldados do invasor Paraguai, indistintamente. Este fato lhe valeu alguns dissabores, havendo quem a admoestasse por tão primorosa conduta ética. Ana Néri, à luz do espocar dos tiros de canhão e aos gemidos de combatentes feridos e agonizantes, passa de mãe de família a extremosa cuidadora de anônimos doentes. Pela imperiosa indissociabilidade do trabalho de médicos e enfermeiros em prol dos doentes, se lhe reconhece o trabalho em campanha e se lhe outorga o galardão de precursora e madrinha da enfermagem brasileira.

O cuidado dos feridos, inicialmente de forma empírica e pouco a pouco de forma sistematizada, levou-a a adquirir segurança e confiança, aprimorando táticas de cuidados e criando técnicas próprias no atendimento. Em sua convivência diária com os médicos no trato conjunto das obrigações adquiriu conhecimentos e o bom senso aliado ao seu olhar de mãe que cuida de filhos doentes muitas vezes fez prevalecer sua opinião noutras entrando em discordância com os médicos.

Ana Justina Ferreira Néri, nascida na Rua da Matriz nº 7, na Vila de Cachoeira, Província da Bahia, em 13 de dezembro de 1814 e falecida no Rio de Janeiro, RJ, em 20 de maio de 1880, era filha de José Ferreira de Jesus e de Luísa Maria das Virgens, uma família patriota e religiosa. Tinha quatro irmãos: Joaquim e Manoel mais velhos e Ludgero e Antônio mais moços. Quando criança havia assistido de perto os horrores da morte e vistos os feridos quando da reação armada vinda da canhoneira fundeada defronte a Vila e contra a independência da Bahia. A filha do meio dos Ferreira casou-se com o capitão-de-fragata Isidoro Antônio Néri, em 1837. Em 15 de novembro de 1839, Isidoro Néri e seu brigue “3 de maio” participam da tomada da Laguna em Santa Catarina, uma batalha mortífera, expulsando os rebeldes fundadores da República Juliana (devido o mês de julho) tendo Giuseppe Garibaldi escapado

com a heroína Anita Garibaldi, nascida Ana Maria de Jesus Ribeiro. Em 1843, no Maranhão, o bravo capitão Néri falece de meningite a bordo do mesmo brigue “3 de Maio”. Ana, então viúva, cria seus três filhos: Justiniano de Castro Rebelo (médico e militar incorporado), Isidoro Antônio Néri Filho (médico) e Pedro Antônio Néri (militar de carreira). É curioso observar que Justiniano não tivesse o sobrenome Néri, mas era freqüente ocorrer ser dado um nome de família diferente, até em homenagem a alguém. Ao irromper a Guerra do Paraguai (dezembro de 1864), seguiram ambos os militares para o campo de luta. Ana requereu ao presidente da Província da Bahia, conselheiro Manuel Pinho de Sousa Dantas, que lhe fosse facultado acompanhar os filhos e os irmãos (major Manuel Jerônimo Ferreira - Batalhão Princesa Imperial e Joaquim Mauricio Ferreira - 41º Corpo de Voluntários da Pátria) durante a guerra ou, ao menos, prestar serviços nos hospitais do Rio Grande do Sul. Deferido o pedido, partiu de Salvador incorporada ao 10º Batalhão de Voluntários da Pátria (agosto de 1865), na qualidade de enfermeira. Durante toda a campanha, prestou serviços nos hospitais militares e frentes de operações de Curupaiti, Salto, Corrientes, Humaitá, Aquidabã e Assunção. Nesta cidade fundou e manteve em sua casa uma enfermagem às suas expensas. Certa noite é comunicada por um auxiliar que seu filho, o Dr. Justiniano, fora alvejado por tiros a queima roupa ao tentar impedir que matadores paraguaios invadissem o alojamento que cuidava e onde havia muitos feridos. Além de baleado foi o bravo médico ferido de punhal nas costas e o pavilhão destruído tendo ocorrido muitas mortes dentre os mais graves por asfixia devido à queda do toldo encerado da cobertura.

Terminada a guerra, Ana regressou ao Brasil em março, sendo-lhe prestadas grandes homenagens e ofertadas honrarias de apreço e reconhecimento de mérito no Rio e na Bahia, onde chegou em 5 de junho de 1870. O governo de S. M. Imperial Dom Pedro II conferiu-lhe a Medalha Geral de Campanha e a Medalha Humanitária de primeira classe. Por decreto imperial foi instituído um estipêndio anual no valor, à época, de 1:200\$000 reis. As senhoras baianas do Rio de Janeiro lhe ofertaram um álbum de madrepérola e prata com a inscrição: “13 de dezembro A.J.F.N. Tributo de admiração à caridosa Bahiana por algumas Patriotas”. Em sua casa Ana foi cumprimentada pelos acadêmicos de medicina. Na sua passagem de volta pelo Rio de Janeiro, os baianos residentes no Rio de Janeiro encomendam ao pintor catarinense Vitor Meirelles de Lima (1832-1903) um quadro-fotografia de corpo inteiro em tamanho natural de Ana Néri. Esta obra, de 1870 é de impressionante qualidade (foto), e está exposta com destaque no acervo do Memorial da Câmara Municipal de Salvador (Paço Municipal de Salvador). Ainda em 1870, também o Paço Municipal de Cachoeira, no seu Salão Nobre, mantém um quadro de Ana Néri inaugurado em 27 de junho de 1925. Em sua terra natal, a Resolução da Intendência nº 20, de 12 de agosto de 1916, substituiu o nome da Rua da Matriz por Rua Anna Nery. No Museu da Bahia é mantida uma Placa de Mármore branco com os dizeres: “À Heroína D. Anna Nery o Museu da Bahia. 27 de junho de 1928”. No salão nobre da Cruz Vermelha Brasileira, no Rio de Janeiro foi inaugurado,

em 26 de maio de 1925, o retrato de Ana Néri, precursora da Cruz Vermelha no Brasil. Na cidade de Salvador, pela Resolução Municipal nº 650, de 1º de março de 1924, o antigo Largo da Palma foi renomeado como Praça Anna Nery. Em 1923, por proposta do Dr. Carlos Chagas (descobridor do *Trypanossoma cruzi* e da doença de Chagas) foi dado o nome de Ana Néri, à primeira escola oficial brasileira de enfermagem, hoje Escola de Enfermagem Ana Néri da UFRJ. A Portaria nº 446, de 19 de abril de 1930, da Directoria Geral de Instrução da Bahia, dá o nome Anna Ney às Escolas Reunidas de Cachoeira. Em 10 de agosto de 1938, o presidente Getúlio Vargas, assinou o decreto nº 2.956, que “*Institui o Dia do Enfermeiro que será celebrado a 12 de maio, devendo nesta data serem prestadas homenagens especiais à memória de Ana Néri, em todos os hospitais e escolas de Enfermagem do País*”.

Sobre a guirlanda de folhas de ouro 18 com fita verde doada pelas senhoras bahianas onde se lê a dedicatória: “*À Heroína da caridade As Bahianas reconhecidas*”, datada de 1870, até 1904 esteve em mãos da família, com o filho Coronel Pedro Antônio Nery e depois com os filhos e netos deste até chegar, em 24 de maio de 1933, à Pinacoteca do Estado, voltando enfim à Bahia depois de passar pelo Rio Grande Sul e pelo Rio de Janeiro.

A listagem abaixo relaciona as condecorações de estudantes de medicina da FMB/UFBA na Guerra do Paraguai até 1866:

#### ORDEM DA ROSA – Gráu de Cavaleiro:

- José de Teive Argollo (estudante do 4º ano)
- José Alves de Melo (acadêmico voluntário)

#### ORDEM DE CRISTO – Gráu de Cavaleiro:

- José de Teive Argollo (Estudante do 4º ano)
- Arthur César Rios (idem)
- Raymundo Caetano da Cunha (Estudante do 5º ano)
- Izidoro Antonino Nery (Estudante do 6º ano)
- Pedro Gomes de Argollo Ferrão (idem)
- Sátiro de Oliveira Dias.

Em sua lápide no Cemitério de São Francisco Xavier, a Associação Bahiana de Beneficência mandou lavar o seguinte epitáfio: “*Aqui descansam os restos mortais de D. Anna Nery denominada Mãe dos Brasileiros pelo exército na campanha do Paraguai*”.

#### Referências

1. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nº 64, p. 448-460, 1938.
2. Enciclopédia Barsa. Encyclopedica Britannica Editores: São Paulo, SP. Volume 9, p. 465, 1965.
3. Lima JF. Ana Néri – Heroína da Caridade. Nova Época Editorial: São Paulo, 1977.
4. Louzeiro J. Ana Néri a brasileira que venceu a guerra. Mondrian/ Comunicação: Rio de Janeiro, RJ, 2002.
5. Jacobina RR, Castellucci J, Pinto E, Noronha EM. Os Acadêmicos de Medicina e os 200 Anos da Faculdade de Medicina da Bahia. *Gazeta Médica da Bahia* 78: 11-23, 2008.
6. Silva FC. Ana Nery-matriarca da enfermagem no Brasil. *In* [http://www.vidaslusofonas.pt/ana\\_neri.htm](http://www.vidaslusofonas.pt/ana_neri.htm) (acessado em agosto 2008).
7. Vieira PTS. Carta pessoal, de Outubro 2008.